

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

JOVENNA KARLA SILVA PEREIRA

MEMORIAL ACADÊMICO
PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO

UBERLÂNDIA
2021

JOVENNA KARLA SILVA PEREIRA

MEMORIAL ACADÊMICO
PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Pedagogia como requisito para a obtenção de título de licenciado/a em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Irene Miranda

UBERLÂNDIA
2021

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso aborda a alfabetização e as possíveis dificuldades do processo. Tem como objetivo embasar reflexões e ações relacionadas ao ensino e a aprendizagem da leitura e escrita. Para tanto faz considerações sobre o conceito de alfabetização, os problemas de aprendizagem na alfabetização e as ações das alfabetizadoras. O estudo revela que as possibilidades de aprendizagem e não aprendizagem estão relacionadas a fatores internos e externos ao alfabetizando, portanto envolve desde seus aspectos biológicos, psicológicos até as relações que estabelece no contexto onde está inserido.

Palavra Chave: Leitura e Escrita. Aprendizagem. Alfabetização.

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	5
1.1 MINHA HISTÓRIA.....	6
2. O TRABALHO DE ALFABETIZAÇÃO DO PROFESSOR	13
2.1 O que é alfabetização?.....	13
2.2 Os problemas de aprendizagem na alfabetização	16
2.3 O trabalho da professora alfabetizadora	17
3 CONCLUSÃO	19
4 REFERÊNCIAS	20

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Pedagogia à distância da FAGED/UFU aborda o tema Problemas de Aprendizagem na Alfabetização, propondo-se a análise de quais as causas das dificuldades e apontando possibilidades de intervenção. A escolha da presente temática se justifica pelo meu interesse e vivência com a dificuldade escolar da minha enteada Ana Júlia, em compreender como se dão esses problemas de aprendizagem.

O Trabalho de Conclusão de Curso é um momento importante para a formação acadêmica e um meio para os alunos formandos reverem o conhecimento acumulado ao longo de todo o curso. Os alunos escolhem um tópico e o aprofundam por meio de um estudo mais focado e refinado. É importante combinar temas de interesse pessoal com assuntos relacionados ao escopo de ação. Assim com TCC podem mostrar suas áreas de interesse e seus conhecimentos nessas áreas.

No Trabalho de Conclusão de Curso o aluno também demonstra sua capacidade de pesquisar, analisar, comparar e conectar temas, resultando em proposições e respostas a problemas por ele formulados. Os trabalhos de conclusão servem como porta de entrada para a carreira acadêmica, para quem quer seguir na área de pesquisa e ensino superior. Mas o TCC também vira cartão de visitas no mercado de trabalho tradicional. E segue como atividade acadêmica obrigatória para quem quer ter uma formação integral, principalmente em cursos de graduação (UNOCHAPECÓ, 2020).

Algumas crianças têm dificuldade em aprender, principalmente na leitura e na escrita, porque este é um mundo repleto de descobertas. As habilidades necessárias para ler e escrever não faziam parte de sua vida antes. Através deste TCC, pretendo compreender os problemas de aprendizagem e analisar as áreas básicas do processo de leitura e escrita. Crianças com dificuldades de aprendizagem precisam de atenção especial, porém, muitas vezes, são esquecidas e não podem receber uma supervisão adequada e específica para sanar suas dúvidas. Existem vários fatores que podem causar problemas de aprendizagem, por isso é importante acompanhar o desempenho de cada aluno para descobrir as possíveis causas.

Para abordar a temática, o TCC está organizado em duas seções, a primeira aborda o meu memorial, que segundo Oliveira (2005, p. 121) pode ser descrito como “um documento escrito relativo à lembrança, à vivência de alguém, memórias. Deve conter um breve relato sobre a história de vida pessoal, profissional e cultura do memorialista; por isso mesmo é

escrito com o uso da primeira pessoa”. Após a apresentação do memorial a segunda seção apresenta o referencial teórico que respalda a discussão sobre a temática em estudo.

Por fim, realizar este trabalho representa um grande desafio, mas também é uma boa oportunidade para reaprender o assunto de minha escolha. Reexaminar algumas possibilidades de realização de atividades pedagógicas que, de alguma forma, viabilizam a aprendizagem dessas crianças com dificuldades no ensino fundamental.

Acredito no poder transformador da Educação e no papel fundamental que o bom professor possui para que o aprendizado se realize de maneira prazerosa e significativa. Por isso esse trabalho se fez tão importante: novos conhecimentos e novas possibilidades de atuar como mediadora e incentivadora de um ensino de qualidade e inclusivo.

1.1 MINHA HISTÓRIA

Considerando que nesta parte do trabalho apresentarei minha trajetória acadêmica e o meu interesse pela temática do TCC, iniciarei me apresentando.

Me chamo Jovenna Karla Silva Pereira, nasci aos quatro de março de 1985, em Uberlândia. É muito complicado escrever sobre uma história de vida, principalmente quando sou a própria personagem.

Venho de uma família muito humilde, mas da qual tenho muito orgulho de pertencer. Do lado da família materna sou a primeira e única a ter o diploma de ensino superior, já do lado paterno tive o prazer de participar das formaturas dos meus tios e inclusive do meu pai, todas na Universidade Federal de Uberlândia. Cresci acompanhando minha mãe em suas faxinas nas casas de família, e foi aí que descobri os livros. Lembro que adorava as segundas-feiras, dia de ir à casa da Senhora Regina, uma mansão localizada no bairro Lídice, a qual tinha uma enorme biblioteca e eu passava o dia todo “enfurnada” naquele local, “ajudando” minha mãe a limpar os livros. Lembro o fascínio que desenvolvi pela língua inglesa, a qual eu escutava a filha mais velha da Senhora Regina estudar com um professor particular, literalmente eu me perdia naquele lugar. Ao completar cinco anos, minha mãe me matriculou em uma escola chamada Professor Mário Porto, no bairro Patrimônio, que hoje já não existe mais.

Posteriormente ingressei na Escola Estadual Bom Jesus, na primeira série do ensino fundamental e minha professora descobriu que eu sofria de Ambliopiaanisométrica¹, não

¹A ambliopiaanisométrica ocorre quando existe diferença no grau refracional (óculos) entre os olhos de uma criança. O cérebro aprende a ver bem pelo olho que tem menor grau e não aprende a ver bem pelo olho que tem

conseguia enxergar do olho esquerdo. Isto não foi um empecilho para a leitura. A professora percebeu que eu demorava muito para copiar do quadro, mesmo sentando na primeira carteira, era a “Tia” Maria Auxiliadora e acredito que por ler muito e por incentivar bastante a leitura, ela fazia questão de entregar os meus ditados com muito orgulho para minha mãe, que na verdade não entendia muito o que era aquilo, pois estudou até a 5ª série do 1º Grau, mas ficava muito feliz em saber que eu era uma boa aluna.

Ao findar esse primeiro ano nesta escola, tivemos que mudar e foi aí que eu fui matriculada na melhor escola que poderia estudar, Escola Municipal Professor Otávio Batista Coelho Filho, conhecida como “Universidade da Criança”. Quando mudamos para o bairro Brasil, precisamente na rua José Rezende dos Santos, minha mãe tinha que trabalhar e não podia ficar me acompanhando o tempo todo. Meu pai era funcionário de uma empresa privada que também não permitia esse acompanhamento. Quando nos mudamos para este bairro, para ficar mais próximo do trabalho de minha mãe, conheci a “Tia” Cidinha, uma pessoa que além de patroa da minha mãe, foi tia, amiga e mãe também. Foi ela quem orientou minha mãe a me matricular na escola que eu estudaria todo o meu ensino fundamental.

Porém, já havia passado o período de inscrições na “Universidade da Criança”, a qual se situava na rua da minha casa e que não tinha vagas para eu estudar. Em um belo dia de janeiro, escutei minha mãe dizendo ao meu pai que não sabia o que iria fazer comigo, porque não havia possibilidade de conseguir uma vaga naquela escola e que eu não tinha outra opção perto de casa. Como eu ficava sozinha em casa, esperei eles saírem para o trabalho, procurei minha certidão de nascimento e segui para a escola. Chegando disse ao porteiro que queria estudar lá e ele me encaminhou para a secretária, sabendo que teria a mesma resposta que haviam dado para minha mãe, pedi a secretária que me deixasse falar com diretora. E eu falei. Conheci então a Senhora Ana Beatriz Caires de Oliveira, diretora, professora, esposa, mãe, avó e um ser humano ímpar, uma das melhores pessoas que já conheci em toda a minha vida. Sou grata a ela por todo apoio incondicional, por tudo o que eu aprendi.

Serei eternamente grata pelo que eu me tornei, graças a esta escola, professores e todos os funcionários que conheci. Lembrarei também do uniforme que vesti durante os anos que lá permaneci e somente no último ano (8ª série), escolhemos uma camiseta branca para despedir desta escola. Serei hipócrita se não disser que tive alguns problemas durante este período, é claro que nem tudo são flores. Por exemplo, no período que estudei era normal ter alguns alunos mais abastados, que claramente poderiam ser os “patrões” que minha mãe tinha, talvez

uma maior grau. O problema de visão pode ser imperceptível, porque a criança pode não perceber a baixa visual em um olho e não se queixar, além do olho ter aparência normal (SBOP, 2020).

por isso, por não encaixar neste “parâmetro” era muito difícil me deslocar para a casa deles. Ora para fazer um trabalho ou até mesmo para partilhar da piscina. Porém, tudo passou e hoje vejo que aquilo era tão pequeno e talvez hoje minha mãe agisse de outra maneira e não sempre dizer: “fica calada porque uma hora eles vão ficar sem graça”.

Recordo-me muito bem da professora Elzimar, a temida professora de história, mas que prendia a atenção de uma sala de 40 alunos, onde não se ouvia nem uma respiração mais alta. Havia também o temível professor Aldo, com a terrível matéria de matemática. Um sujeito alto, forte e que era temido até pelo seu cavanhaque. Tinha também a biblioteca e como eu adorava este lugar. Nesta escola o incentivo à leitura era imenso. Professoras de português e literatura sempre promoviam eventos para tal incentivo e era quase como uma competição, a ficha da biblioteca do aluno que tinha mais livros lidos, quase se tratava de uma celebridade. Ao findar o ensino fundamental, por apenas três meses fui matriculada na Escola Estadual Professor José Ignácio de Sousa, a qual me mostrou a realidade da educação. Se eu não havia visto alunos tão mais pobres do que eu, neste lugar eu vi e com apenas quinze anos percebi que precisava ajudar meus pais.

Minha mãe ainda continuava com as faxinas, meu pai ainda era motorista de ônibus, mas no ano de 2001 decidiu voltar a estudar. Chegava a ser engraçado pai e filha estudando praticamente as mesmas matérias, porém em escolas diferentes, pois ele havia escolhido voltar a estudar pelo EJA e eu no ensino médio. Neste período comecei a trabalhar como menor aprendiz em uma clínica médica, trabalhava o dia todo e ia direto para a escola a noite. Como trabalhava próximo ao centro e bairro Martins, transferei para a Escola Estadual Ângela Teixeira e lá pude observar a quantidade de pessoas na mesma situação que eu, porém um pouco mais velhas. Após concluir o 2º Grau trabalhei somente por um ano e consegui um novo emprego em uma clínica médica de alto padrão, a qual convivi com diversos tipos de pacientes, inclusive professoras. Neste período também iniciei o curso de Administração em uma faculdade privada, porém como bolsista pelo Prouni. Como sempre gostei do ambiente escolar, minha opção desde o início era cursar História, mas com medo de prestar vestibular na UFU e não conseguir ingressar em uma universidade federal, pois havia uma pressão familiar para ingressar em um curso superior, qualquer que fosse ele, permaneci na faculdade privada. Neste período também, meu pai foi aprovado no curso de Agronomia da Universidade Federal de Uberlândia aos 42 anos, estudando em casa e no ônibus, pois continuava trabalhando como motorista.

Percebi que o sonho da minha mãe era que eu me graduasse em uma universidade federal. Não que ela desgostasse da faculdade que eu estava cursando, e então descobri que

era o meu sonho também. Formei-me, continuei trabalhando e por oito anos sonhava com a UFU, não desisti, mas não corria atrás, até que em 2016 me casei e logo em seguida fiquei grávida e via o sonho cada vez mais distante. Meu esposo veio com um “pacotinho a tiracolo” que se chama Ana Júlia e que na época estava com quatro anos. Como ela sempre morou com ele, quando nos casamos ela continuou, percebi que ao ajudá-la a fazer as tarefas de casa ela estava me ajudando a entender que era aquilo que eu queria para mim. Percebi que as brincadeiras de crianças, nas quais eu era sempre a professora, eram muito mais que brincadeiras.

Em julho de 2017 nasceu o meu primeiro filho, Bruno, e enquanto estava de resguardo percebi que não queria continuar a trabalhar na área administrativa e que, pior do que isso, quando voltasse da licença maternidade, estaria desempregada. Com um bebê pequeno, uma criança de 5 anos e um marido desempregado, tinha que fazer alguma coisa. Comecei a procurar por cursos mais baratos e pedi ao meu pai para me ajudar. Enquanto procurava sobre um concurso público no site da UFU, vi o edital para o curso de Pedagogia via EAD, e era tudo o que eu precisava. Na faculdade federal, da maneira que daria para conciliar trabalho e estudo, gratuito e que realizaria o meu sonho e o da minha mãe. Inscrevi-me e fiz o processo seletivo. Confesso que durante o resguardo e depois dele, meu bebê não dormia. Então aproveitava a madrugada para amamentar e estudava um pouco, sempre receosa, pois tanto tempo longe da sala de aula, me sentia uma colegial. No dia da prova deixei o bebê com minha mãe e meu pai me levou até a UFU.

Naquele dia, “o dia” estava diferente. Sem trânsito, uma calmaria que não pertencia a um dia de prova no Campus Santa Mônica, desci do carro e meu pai me desejou toda a sorte do mundo. Como uma boa pessimista que sou, só pensava no bebê tão novinho que havia deixado e me preocupava em secar os seios que jorravam leite. Ao adentrar a sala e ver a quantidade de candidatos, comecei a ter certeza que não iria passar. Fiz a prova, reli diversas vezes, parti para a redação e com muito empenho terminei sendo uma das últimas da sala. Teria que ter certeza que pelo menos havia lutado até o final. Entreguei a prova e desci correndo as escadarias para poder amamentar meu bebê que já me esperava do lado de fora. Tinha uma mistura de sentimentos, medo de não passar, alegria por estar pelo menos tentando.

Então Deus, em sua infinita bondade, em 26 de outubro de 2017, deu-me forças para abrir o site da UFU e saber se havia passado, para a minha grande surpresa, na minha modalidade eu havia sido a PRIMEIRA COLOCADA. Não podia acreditar no que estava lendo, meus pais não conseguiam dizer nada e eu só sabia ser grata a Deus por tudo, porque

era neste momento que eu precisava ser aprovada. Meu sonho em atuar na área da educação estava apenas começando. Em um primeiro momento houve a vontade de desistir, afinal o curso EAD desde o princípio demonstrou algumas de suas dificuldades. A adaptação ao sistema ainda estava acontecendo, pois tinha que conciliar a vida profissional, a vida familiar e principalmente a maternidade. Tudo precisava ser muito mais planejado, pois era eu, o computador e a tutoria. Mais do que nunca, era é uma questão de honra a conclusão deste curso, a expectativa era imensa, mas realizar o sonho se tornou muito maior.

Ao longo da minha vida escolar compreendi que a educação no Brasil mudou muito e precisa mudar muito mais. Penso que, talvez, teria sido diferente se na minha época escolar tivesse a facilidade que tem hoje, pois antes tudo era mais difícil, a metodologia usada não facilitava a compreensão, as escolas públicas não ofereciam materiais de qualidade, como livros, ambientes adequados, merenda escolar, equipamentos, etc.

O curso de Licenciatura em Pedagogia, modalidade a distância, funciona por meio da parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e busca formar professores para atuarem no campo da educação, na perspectiva da formação inicial em serviço – para aqueles que já atuam na educação básica e não possuem a titulação em nível superior e na perspectiva da formação inicial para aqueles que se interessam pela área da educação e nunca atuaram na docência (PORTAL FACED, 2021).

Ao descrever uma parte importante da minha trajetória acadêmica e profissional, fiquei muito contente, revivi momentos importantes e inesquecíveis da minha vida escolar, pois, foi naquele período que desenvolvi em mim uma imensa vontade de um dia me tornar uma profissional bem qualificada da educação, e diferente de muitos professores, pretendo ser como aquela minha professora da 1ª série, que teve a sensibilidade de observar que a aluna da carteira da frente demorava a copiar mais do que os outros alunos e sempre estava disposta a ajudar aqueles que precisavam dela.

Tive muita dificuldade de aprendizado, desde a discalculia, a falta de apoio dos meus pais (não porque eles queriam, mas por que não tinham condições de me ensinar), a falta de condição de comprar todo o material, a vergonha de dizer para a professora que não havia entendido, são tantas que talvez nem me lembraria de todas. Hoje compreendo que se tivesse tido um acompanhamento psicopedagógico, teria sido “mais fácil” preencher algumas lacunas. Não sei se conseguirei prever ou ajudar minha enteada, a qual claramente tem uma grande dificuldade no aprendizado, sei que hoje é uma possibilidade ajudá-la. Em contato com a sua atual professora, sobre a tratativa da dificuldade escolar, ela me relatou que não é uma dificuldade exclusiva de minha enteada. Que com o advento da internet e a substituição

dos pais e tutores pelos poderosos e sedutores “smartphones” estamos diante de um grande número de analfabetos funcionais.

Segundo Danielle Valentim e Campos (2018), o uso excessivo do celular pelas crianças é influenciado pelos próprios pais, que de alguma forma oferecem os aparelhos como distração. Nem todos se atentam, mas os especialistas cada vez mais fazem o alerta de que não limitar ou filtrar essa aproximação com a tecnologia prejudica o desenvolvimento cognitivo, incluindo a fala e alfabetização da criança.

O conceito de dificuldades de aprendizagem remete-se também as necessidades educacionais especiais, mas também aos maiores recursos educacionais necessários para atender essas necessidades e evitar maiores complicações. De acordo com Grigorenko; Ternemberg (2003 p.29): “Dificuldade de aprendizagem significa um distúrbio em um ou mais processos psicológicos básicos envolvidos no entendimento ou no uso da linguagem, falada ou escrita, que pode se manifestar em uma aptidão imperfeita para ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar ou realizar cálculos matemáticos”.

Frequentemente são identificadas crianças dentre as que frequentam a escola, aquelas que, por alguma razão, não conseguem cumprir de modo satisfatório as expectativas da escola e dos pais. Habitualmente, os familiares ou responsáveis por estas crianças são orientadas no sentido de procurar um profissional a fim de que este possa diagnosticar o “problema da criança” com o objetivo de corrigir ou sanar as dificuldades presentes, pois, se essas crianças não tiverem um acompanhamento adequado não terão rendimento escolar satisfatório.

Muitas vezes a criança apresenta alguma dificuldade na aprendizagem e a família não mostra nenhum interesse em ajudá-la, deixando que a escola se encarregue de encontrar a solução. Neste caso, a única a buscar ajuda médica e psicológica para a Ana Julia sou eu, e meu pai, o qual tenta de todas as formas “ensinar” as tarefas de casa, e mesmo não sendo da área da educação, já percebeu que há algo errado e que precisa ser analisado. A falta de escolaridade dos pais interfere nas possibilidades de alfabetização das crianças, mas não é um fator determinante. Os pais podem ter pouco estudo, mas bem orientados conseguem fazer com que os filhos entendam a importância da escola.

As famílias precisam prestar muita atenção à vida escolar de seus filhos. Os pais não podem deixar os problemas de aprendizagem para a escola resolver. O dever dos pais é acompanhar os filhos durante todo o processo educativo, dedicar-se o máximo possível e proporcionar momentos de cumplicidade, amor e atenção. O vínculo afetivo da família desempenha um papel importante no desenvolvimento da criança. Devido ao trauma causado pela família, muitas vezes, a criança não é capaz de aprender.

De acordo com Ciasca (2004):

Não existe criança que não aprenda. Ela sempre aprenderá alguma coisa, umas de modo mais rápido, outras mais lentamente, mais a aprendizagem certamente se processará, independentemente da via neurológica usada, mas utilizando-se associações infalíveis, baseada em uma vertente básica: ambiente adequado + estímulo + motivação. Talvez seja a chave que procuramos para encaminhar os distúrbios de aprendizagem e as dificuldades de escolaridade (CIASCA, 2004, p.8).

Nessa perspectiva, pode-se entender que toda criança tem capacidade de aprender, mesmo que tenha problemas neurológicos, de acordo com a forma como recebe as informações, algo certamente ficará registrado em sua mente. Com essa abordagem, o professor que precisa ser continuamente formado para entender como lidar com os desafios profissionais (FREIRE, 2003).

Para Freire (2003):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervindo, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2003, p.29).

O professor tem um papel importante no desenvolvimento do educando, cabendo a ele, entender as suas dificuldades, ajudando-o e incentivando-o para que não se sinta fracassado, achando que nunca vão conseguir aprender.

Em relação ao curso de pedagogia, a modalidade a distância foi uma novidade para mim, uma experiência participar, porque eu não sabia o que poderia acontecer. O curso me surpreendeu bastante, pois pude aprender a ter autonomia, algo muito exigido no ensino a distância. Dedicção também é muito importante. Tem que se dedicar, fazer as atividades no seu tempo para não se perder durante o curso. Acredito que esse tipo de aprendizado vai valer muito, pessoal e profissionalmente, pois o curso trouxe transformações importantes para minha vida, agora tenho um outro olhar para a relação entre o professor e o aluno, a valorização do pedagogo, e o quanto a escola é importante. Entrei uma pessoa e vou sair outra. Hoje me considero mais madura. Não é tão fácil como parece, porém, com dedicação, todos podem conseguir. Estou no sétimo período do curso de Pedagogia e está sendo muito proveitoso o meu aprendizado. Ainda não estou atuando na área educacional, mas tenho familiares que já atuam, é uma área que me encantou. Minha pretensão é trabalhar com a Educação Infantil e a Psicopedagogia.

Desde a minha participação como monitora no VI Congresso de Psicopedagogia escolar e II Encontro de Pesquisadores em Psicopedagogia Escolar ocorrida em novembro de 2019 e no Ciclo de estudos e palestras: políticas, saberes e práticas em educação especial e educação inclusiva (GEPEPES), ocorrida entre setembro e novembro também em 2019, percebi minha identificação com as disciplinas de Psicopedagogia, Educação Infantil, Alfabetização, Expressão Lúdica e Educação Psicomotora.

Após o Memorial, serão discutidos os problemas de aprendizagem da alfabetização, considerando que vários fatores interferem nesse processo; esse é um desafio que vou encontrar todos os dias. A escolha deste tema não foi acidental, pois estou enfrentando essa situação e será, então, uma oportunidade de ajudar minha enteada que apresenta dificuldades de aprendizagem.

2. O TRABALHO DE ALFABETIZAÇÃO DO PROFESSOR

2.1 O que é alfabetização?

A educação ganhou atenção do governo na Proclamação da República, especialmente no final do século XIX. Segundo Mortatti (2000), isso ocorreu com o intuito de modernizar e esclarecer a população, por meio da instrução primária; assim surgiu a necessidade de abrir escolas, para ir além do ensino de caligrafia. Desse modo, surgiu a escolarização como uma comunicação e instrumento de linguagem, trazendo o ensino da leitura e da escrita.

Mortatti (2000) afirma que:

A leitura e a escrita que até então eram práticas culturais cuja aprendizagem se encontrava restrita a poucos e ocorria por meio de transmissão assistemática de seus rudimentos no âmbito privado do lar, ou de maneira menos informal, mas ainda precária, nas poucas “escolas” do Império (“aulas régias”) tornaram-se fundamentos da escola obrigatória, leiga e gratuita e objeto de ensino e aprendizagem escolarizados (MORTATTI, 2000, p.02).

Segundo Silva (2004), na década de 1950, os cidadãos eram considerados alfabetizados porque sabiam ler e escrever seus nomes, mas desde então, os alfabetizados podem ler e escrever notas simples. “Mais do que a proclamação pública de conhecimentos sobre a leitura e a escrita, considera-se alfabetizado aquele que sabe usar a língua escrita” (SILVA, 2004, p.36). Como vimos, o conceito de alfabetização continua passando por mudanças históricas.

A partir da década de 1980, o paradigma da alfabetização mudou. As pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky trouxeram novas perspectivas para a educação por meio de

pesquisas fortemente influenciadas pela psicologia. Portanto, com a publicação do livro "Psicogênese da Língua Escrita" (1984), Ferreiro e Teberoski forneceram aos educadores um referencial sobre como os alunos aprendem a ler e escrever.

Assim, o Ministério da Educação – MEC e a Secretaria de Educação Básica – SEB (BRASIL, 2008):

De acordo com esses estudos, o aprendizado do sistema de escrita não se reduziria ao domínio de correspondências entre grafemas e fonemas (a decodificação e a codificação), mas se caracterizaria como um processo ativo por meio do qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, construiria e reconstruiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita, compreendida como um sistema de representação (BRASIL, 2008, p.10).

A pesquisa de Ferreiro e Teberosky é um marco no estudo sobre alfabetização porque enfoca os alunos como construtores de hipóteses sobre a linguagem escrita. No entanto, na década de 1990, surgiram novos termos relacionados a alfabetização.

“Com a finalidade de incorporar as habilidades de uso da leitura e da escrita em situações sociais” (BRASIL, 2008, p. 10), os indivíduos que sabem ler e escrever, mas não usam esse conhecimento para lidar com situações cotidianas são considerados analfabetos funcionais.

Assim, Silva (2004) mostra que ao longo dos anos, o conceito de Alfabetização mudou, sendo o analfabetismo funcional baseado no grau de escolaridade ou conclusão de uma determinada série, podendo ser entendido também como o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes; capaz de colocar em prática o conhecimento dos códigos de idioma.

A concepção de alfabetização foi modificada de acordo com os interesses políticos de cada época, conforme as necessidades sociais e educacionais.

Para Soares, (2003):

Toma-se, por isso, aqui, alfabetização em seu sentido próprio, específico: de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita [...] Sem dúvida, a alfabetização é um processo representação de fonemas em grafema, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito (SOARES, 2003, p.15 e 16).

Kleiman (2005) define que:

O conceito de alfabetização refere-se também ao processo de aquisição das primeiras letras, e com tal, envolve sequências de operações cognitivas, estratégias, modo de fazer. Quando dizemos que a criança está sendo alfabetizada, estamos nos referindo ao processo que envolve o engajamento

físico-motor, mental e emocional da criança num conjunto de atividades, de total tipo, que tem por objetivo a aprendizagem do sistema da língua escrita (KLEIMAN, 2005, p. 13, 14).

Portanto, vale ressaltar que desde a simples codificação da linguagem até o uso de gêneros textuais, ocorre um avanço, todavia, a cada passo dado há a necessidade de avaliação do verdadeiro nível de desenvolvimento da alfabetização. Como nos diz Ferreiro (2012, p.17), “É claro que estar alfabetizado para continuar no circuito escolar não garante estar alfabetizado para a vida cidadã”.

Kleiman (2005) acrescenta que o exercício de alfabetização ocorre em uma atividade localizada em sala de aula e é conduzida por um professor que é responsável por ensinar sistematicamente as regras de funcionamento e o uso de códigos de letras aos alunos iniciantes. A autora aponta que o processo de alfabetização ocorre com mais precisão na escola e no processo de formação escolar.

Uma definição mais atual de alfabetização também é importante porque amplia muito a compreensão dessa prática. É claro que a alfabetização não é mais vista apenas como uma ferramenta para divulgar as habilidades de leitura e escrita.

Para Ferreiro (2012):

A alfabetização não é mais entendida como mera transmissão de uma técnica instrumental, realizada numa instituição específica (a escola). A alfabetização passou a ser estudada por inúmeras disciplinas: a história, a antropologia, a psicolinguística, a linguística (além das tradicionais, como a epigrafe, a arqueologia, a numismática) (FERREIRO, 2012, p. 67).

A questão é que o ser humano nasceu para a aprendizagem, além do desenvolvimento biológico sempre procura se desenvolver intelectualmente, o conhecimento é o que move a raça humana, é o que faz com que ela evolua de forma positiva, sendo assim, na prática educativa, e se tratando da alfabetização, a função do educador é mediar situações para que o aluno construa o conhecimento.

Alfabetizar e trabalhar na área da Educação é também refletir sobre problemas de aprendizagem, formação de docentes e prática pedagógica. Esse tipo de preocupação está intimamente conectado à busca por melhorias das práticas dos docentes que atuam em diferentes níveis de ensino, de forma a atender positivamente às transformações e exigências da atualidade; já que a educação é o ponto chave para um melhor desenvolvimento cultural, econômico e social.

2.2 Os problemas de aprendizagem na alfabetização

A raiz de todo aprendizado está nas ações do corpo, portanto, a integridade e a função dos órgãos afetados por seu funcionamento e os equipamentos que podem garantir sua coordenação com o sistema nervoso central são a base. Isso é muito importante para a vida dos alunos, e também é necessário verificar se a quantidade e a qualidade dos materiais didáticos e de ensino estão realmente contribuindo corretamente para a aprendizagem (SANTOS, 2012).

Segundo Prigol (2013), a problemática da prática pedagógica baseada, em sua maioria, num ensino com um pensamento racional, fragmentado e reducionista tem apresentado uma ação pedagógica conservadora com um processo de ensino e aprendizagem com predominância no aluno passivo, que muitas vezes ainda continua apenas escutando e reproduzindo os conteúdos transmitidos pelos docentes.

Prigol (2013) ressalta ainda que como o próprio mundo se transformou e se transforma a todo instante, as instituições educacionais precisam ser revistas para começarem a compartilhar de forma sólida as experiências culturais e científicas congruentes com as reais demandas do atual cenário.

Como o professor é a principal fonte de conhecimento dos alunos, cabe a ele a busca por melhorias na docência, e é por isso que a formação de professores e a prática pedagógica nos diversos níveis de ensino formal, principalmente na alfabetização, precisam ser repensadas.

Segundo Miranda (2009), o bom professor precisa ser comprometido com seu trabalho, dispor de conhecimento para tomar decisões, ter raciocínio claro para resolver problemas, ampliar sua análise da realidade, ser curioso.

É em ambientes e situações problemáticas de aprendizagem que existe a luta para que o Ensino se sobressaia nas salas de aula; a educação em sua forma prática ainda necessita de certa conscientização quanto sua real importância e valor, mesmo que o mundo esteja em constante mutação, mesmo que a globalização seja algo tangível, e mesmo que a internet seja algo tão comum e dinâmico.

A realidade e o meio social e cultural dos alunos se manifestam diretamente na forma como aprendem e consideram o ensino; sendo afetados ainda com o despreparo e a defasagem de alguns professores, que fazem com que as aulas assumam características não didáticas, não mostrando a real importância das disciplinas e causando a completa falta de interesse dos educandos.

A própria prática educativa está longe de atender às necessidades curriculares exigidas, pois ensinar é algo difícil quando se tem professores desmotivados, metodologias de ensino inadequadas e situações socioculturais completamente abaladas; o aprendizado requer cuidado e mudança ao mesmo tempo, assim, de acordo com Charlot (2005, p.76):

Uma aprendizagem só é possível se for imbuída do desejo (consciente ou inconsciente) e se houver um envolvimento daquele que aprende. Em outras palavras: só se pode ensinar a alguém que aceita aprender, ou seja, que aceita investir-se intelectualmente. O professor não produz o saber no aluno, ele realiza alguma coisa (uma aula, a aplicação de um dispositivo de aprendizagem, etc) para que o próprio aluno faça o que é essencial, o trabalho intelectual (CHARLOT, 2005, p. 76).

Dessa forma, os problemas de aprendizagem são oriundos também da falta de desejo do aluno e a falta de capacitação das instituições e seus respectivos docentes; para o professor ensinar e alfabetizar, o aluno deve querer aprender e acima de tudo, o professor deve ter meios significativos para se fazer um bom trabalho.

2.3 O trabalho da professora alfabetizadora

Ser professora alfabetizadora é procurar meios para favorecer a aquisição da leitura e da escrita, buscando aulas e situações onde o aluno se sinta mais à vontade, e apesar dos possíveis problemas, acreditar na função da instituição de desenvolver o aprendizado é um fator especial e importante.

É necessária a verdadeira compreensão da finalidade da prática educativa para que a mesma passe realmente a ser valorizada, valorizando também a aprendizagem em si, e o que ela pode proporcionar em se tratando de desenvolvimento intelectual e social. A educação deve deixar de ser vista apenas como forma de recurso para “ser alguém na vida”, deve ser vista ainda como forma de lazer e construção do próprio caráter cidadão.

Pensando nisso, Scheyerl (2009) afirma que:

A eficácia pedagógica dependerá principalmente da ação desenvolvida em sala de aula com os alunos, pois é o professor quem tem a posição privilegiada de negociar, sugerir, incentivar e orientar as mudanças necessárias para que o processo de aprendizagem, como um todo, funcione de modo harmônico e produtivo (SCHEYERL, 2009, p.125).

É preciso desenvolver no aluno valores de conduta, sentimentos, postura, e acima de tudo mostrar-lhe que é parte da identidade da sociedade como um todo e que a instituição de ensino em que se encontra é o espaço ideal para que desenvolva suas capacidades; cabendo à professora conduzir esse processo de identidade, saindo da sua zona de conforto e

acomodação e partindo rumo à verdadeira função do docente: ensinar, lidar com obstáculos, mostrar como vencê-los, trabalhar em prol da articulação social.

Em relação ao trabalho com a alfabetização é preciso considerar a:

Importância de se considerar, na organização das práticas pedagógicas de alfabetização, os conhecimentos que os alunos possuem acerca da escrita a fim de se planejar atividades que efetivamente possam contribuir para que todos os alunos avancem (BRASIL, 2012, p. 8).

Portanto, os professores precisam ter entendimento dos materiais que serão utilizados em sua prática pedagógica, bem como uma compreensão da experiência anterior dos alunos, a fim de planejar ações que levem todos a aprenderem.

Quando os professores voltam sua atenção para as diferenças de aprendizagem encontradas em sala de aula é possível reavaliar as práticas pedagógicas e repensar as ações que visam a melhoria da qualidade do processo de ensino.

Além de ações pedagógicas, é importante que o ambiente em que as crianças participam do processo de alfabetização seja acolhedor e organizado de forma a proporcionar oportunidades de aprendizagem.

O ambiente de alfabetização requer materiais diversos e de alta qualidade, o que possibilita uma aprendizagem significativa e prazerosa, e o contato entre a leitura e a escrita ocorrerá de forma natural, e não imponente e sem sentido. Portanto, as escolas têm a responsabilidade de expor as crianças aos mais diversos materiais, proporcionar um ambiente repleto de trabalhos diferenciados e proporcionar-lhes oportunidades de aprendizagem significativas (FERREIRO, 2010).

Porém, para alfabetizar não basta apenas o texto, para ter sucesso no ensino as atividades devem ser realizadas com sugestões interessantes e envolventes. É importante promover uma variedade de atividades para atender aos interesses de todos os envolvidos no processo de ensino (BRASIL, 2008).

A verdade é que a alfabetizadora, de maneira geral, sempre vai influenciar diretamente no desenvolvimento do educando e justamente por isso, o intuito deve ser sempre demonstrar as qualidades e viabilizar as suas habilidades.

Seguindo esse parâmetro, pode – se finalizar esta parte do desenvolvimento seguindo Kroth (2006, p.20):

Trata-se de procurar fazer os alunos encontrarem seu equilíbrio pessoal e suas possibilidades de crescimento intelectual, mediante técnicas pedagógicas. Procura-se fazer com que cada um tome consciência de suas orientações concretas, na esperança de que bem

consigo mesmo, possa conviver de forma harmoniosa com seus semelhantes. (Kroth 2006, p.20)

3. CONCLUSÃO

Ao analisar o ambiente problemático da alfabetização no contexto atual e ressaltar a importância dos professores para amenizar esses mesmos problemas, conclui-se que a aprendizagem é um trabalho grupal, que depende dos profissionais, da família, dos alunos e do tipo de ensino que se disponibiliza aos mesmos.

A conscientização de que a alfabetização, trabalhada adequadamente, pode ajudar na própria realidade de cada indivíduo, denota o quanto a criatividade e o dinamismo fazem a diferença quando são trabalhados com atenção e organização.

Desse modo fica nítida a evolução que os projetos coletivos de alfabetização podem conseguir desenvolver, já que atuam diretamente nas áreas de conflito de cada educando, a partir do momento que ele consegue se ver dentro da escrita e de um ambiente que contribui para a sua imaginação e contribui também para sua formação intelectual, pessoal e social.

REFERÊNCIAS

CIASCA, S. M. (org) **Distúrbios de aprendizagem:** proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, 220p.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

_____ (org.) **Os jovens e o saber:** Perspectivas Mundiais. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____ **Relação com o saber, formação dos professores e globalização:** questões para a educação de hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: 4ª ed. Artmed, 1991.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua escrita.** Artes médicas Sul, Porto Alegre, 1999.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo, Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 20ª ed., São Paulo: Cortez, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Política E Educação;** Ensaios. Cortez, 2003.

GRIGORENKO, Elena L. TERNEMBERG, Robert J. **Crianças Rotuladas:** O que é necessário saber sobre as Dificuldades de Aprendizagem. Porto Alegre, Artmed, 2003.

GUILHERME, A. V.; NASCIMENTO, T. A. C.; NUNES V. B. **DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO** TCC apresentado ao Curso de Pedagogia da

Faculdade de Ciências, Educação e Letras da Universidade Vale do Rio Doce. Orientadora: Profa. Ms. Erciléia Batista do Espírito Santo Governador Valadares, 2013.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 11ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

KROTH, Lídia Maria. **A influência da afetividade e socialização na escola**. 2006. Disponível em WWW.psicopedagogia.com.br

LIOI, Luzia Miranda de Araújo. **ÉTICA na educação**, Revista UniABC, São Paulo, 2010.

MARQUES, Mario Osório. **A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO**. Ijuí: Unijuí, 2000.

MEC.BRASIL. SITE DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: www.mec.gov.br. Acesso em: 23 ago 2021.

MENEGASSI, R.J. **Professor e escrita: a construção de comandos de texto**. Trabalho em Linguística Aplicada, Campinas, SP. 2003.

MIRANDA, Maria Irene. **Problema de Aprendizagem na alfabetização e intervenção escolar**. 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

MITLER, Peter. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: contextos sociais**/Trad. WindyzBrazão Ferreira-Porto Alegre: Artmed, 2003.

NEUROSABER. **Quais são as dificuldades de aprendizagem na alfabetização?**2020. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/quais-sao-as-dificuldades-de-aprendizagem-na-alfabetizacao> - Acesso em 10 de maio de 2021

OLIVEIRA, Jorge Leite de. **Texto acadêmico**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

Parâmetros curriculares nacionais: 1º e 2º ciclos – língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF,1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf> . Acesso em: 23 ago 2021

PIAGET, Jean. **A relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. v. 26 n. 3, 1962. Textoretirado da internet e traduzido do original “The relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child”. Bulletin of the Menninger Clinic, London, v. 26, n. 3, 1962.

PIAGET, Jean. **A Representação do Mundo na Criança**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

PORTAL FACED. **Curso de Graduação Pedagogia a Distância**. 2021. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/graduacao/pedagogia-a-distancia/conheca>. Acesso em 03 de junho de 2021

PRIGOL, Edna Liz. **Pesquisa Estado do Conhecimento: uma visão para a prática pedagógica e a formação de professores**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013.

SALVADOR, César Coll. **Psicologia do Ensino**.(ET,AL); tradução Cristina Maria de OLIVEIRA. Artes Médicas, Sul, Porto Alegre, 2000.

SANTOS, Gloria Moreno. **Dificuldade no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental**. Medianeira. 2012.

SIQUEIRA, Edileny; CALDAS, Maria José. **AS DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS NO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL**. Novo repartimento – Pará 2017

SOARES, Dulce Consuelo R. **Os vínculos como passaporte da aprendizagem: um encontro D’EUS**. 2ed. Rio de Janeiro, Caravansaral, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2002.

SOARES, Magda. **Letramento : um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

Sociedade Brasileira de Oftalmologia Pediátrica (SBOP). **Ambliopia**. 2020. Disponível em: <https://sbop.com.br/ambliopia/>. Acesso em 09 de junho de 2021.

SOUZA, Aline de Oliveira et al. **Afetividade e aprendizagem na percepção dos docentes do ensino fundamental I**. Monografia. 2016.

UNOCHAPECÓ. **Trabalho de Conclusão de Curso: Entenda a importância do TCC para o aprendizado e a vida profissional**. 2020. Disponível em: <https://www.unochapeco.edu.br/blog/entenda-a-importancia-do-tcc-para-o-aprendizado-e-a-vida-profissional> Acesso em 14 de maio de 2021.

VALENTIM, Danielle; CAMPOS, Ricardo. **Vício no celular desde pequeno põe até a alfabetização em risco**. 2018. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/tecnologia/vicio-no-celular-desde-pequeno-poe-ate-a-alfabetizacao-em-risco>. Acesso em 03 de junho de 2021.

VALLE, João. **A importância da leitura na escola**. São Paulo: Contexto. 2007, p.44.